

O MAR NÃO SOFRE COISA MORTA



LEONARDO PAIVA

*O mar não sofre coisa morta*



© Moinhos, 2016.

© Leonardo Paiva, 2016.

*Edição:*

Camila Araujo & Nathan Matos

*Revisão:*

LiteraturaBr Serviços Editoriais

*Diagramação e Projeto Gráfico:*

LiteraturaBr Serviços Editoriais

*Imagem de capa:*

"A onda", de Ivan Aivazovsky (1889)

*Capa:*

Lily Oliveira

1ª edição, Belo Horizonte, 2016.

*Nesta edição, respeitou-se o*

*Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

P142o

Paiva, Leonardo | O mar não sofre coisa morta

ISBN 978-85-92579-08-1

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático

1. Contos I. Título

Belo Horizonte:

Editora Moinhos

2016 | 64 p.; 21 cm.

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Moinhos

editoramoinhos.com.br

editoramoinhos@gmail.com

## *Sumário*

Lourdes,	9
Véspera de Páscoa,	17
O ciúme,	23
Os afogados,	27
Os primos,	31
O mar não sofre coisa morta,	35
O cavalo,	43
Brasília,	47
Jacarandá,	55



*Sócrates: Bem, então, o que é o ser humano?*  
*Alcíbiades: Não posso dizer.*

Platão, Alcibiades I, 129e





## *Lourdes*

O almoço começou a ser preparado por volta das dez horas.

As duas galinhas mortas esperavam Lourdes para arrancar as suas penas e botar fora as suas vísceras. Lourdes as matara por volta das nove e meia com um talhe de faca em cada pescoço.

Se havia escolhido o corte, era porque sabia da fraqueza que vinha sentindo: as mãos não eram as mesmas de antes. De manhãzinha, depois do café, pediu para o marido amolar uma faca boa na pedra – fosse há uns meses, ela quebraria os pescoços das galinhas sem dificuldade. Antes de degolá-las, Lourdes amarrou as patas com barbante grosso, pendurou-as de cabeça para baixo na mangueira florida para o sangue descer até às cabeças curiosas. Decidiu começar por aquela que tinha as penas mais vermelhas, mas a verde esganiçada pôs o corpo em turbulência: acabou por entregar-se primeiro à morte. Lourdes agarrou a turbulenta, com os pés estabilizou as asas e as patas no chão. Meteu a faca molemente, mas

sem piedade, na jugular do pescoço de bico que não fez sequer um có. A outra, entregue, não fez objeções.

Enquanto as limpava sobre o toco de madeira, pensou na sorte que tinha: todos os coelhos que seriam servidos no dia posterior já viriam mortos, sem as vísceras, sem as peles e pelos, brilhando em carne rosa-viva e fresca, bem cortados e prontos para serem mergulhados no tempero e colocados na panela, pois assim tinha tratado com o feirante: ele a dispensaria de fazer o trabalho mais sujo.

Depois de limpá-las, Lourdes jogou a gaiola em um canto – dentro dela ainda havia três grãos de milho que caíram nas gretas do minúsculo espaço. Em uma das mãos sujas de sangue e penas fechou dois corações e uns miúdos. Na outra apanhou os corpos bailarinos pelas quatro patas amarelas. Na cozinha pegou uma tábua, destrinchou parte a parte as carnes gordas das galinhas. Jogou os corações e os miúdos no balcão da pia. Mais tarde eu limpo a sujeira lá fora, pensou Lourdes ao ver suas mãos secas regadas de sangue.

Às onze horas a receita conhecida há muito começou a ser preparada. Não levaria nem cinquenta minutos para que tudo estivesse pronto. Antes de as galinhas ficarem no ponto, Lourdes faria o arroz e o feijão, colocaria a mesa e serviria o almoço à família ao meio-dia, pontualmente.

\* \* \*

Lourdes, deitada, não fechou os olhos. Virou-se duas vezes na cama, procurou o sono que fugiu quando o irmão bateu na porta dizendo que encontraram o Antônio todo furado.

Quando bateram na porta de casa, o marido roncava alto e nada ouviu, os filhos faziam o mesmo. Lourdes foi quem levantou assustada, e rápida como coelho seguiu para ver quem devia ser àquela hora.

No alpendre, o irmão disse que encontraram o Antônio furado à faca na beira da estrada. Morreu com vinte facadas, a barriga cuspiu o intestino fora. Precisavam de alguém para liberar o corpo para o velório. Como Lourdes era a familiar mais próxima de Antônio, os dois irmãos pediram que ela fosse até a Santa Casa. Que fosse logo, os enxeridos não paravam de chegar, estavam enchendo a frente do prédio – a cidade sempre farejava com vontade um caso que a tirasse da modorra interiorana. O irmão disse que estou de carro, se vista, eu toco pra lá. Você entra, vê o Antônio, daí eu te trago de volta.

Para que o marido não acordasse, vestiu silenciosa uma camiseta preta, uma calça jeans, calçou uns tênis vermelhos e velhos. Saiu sem avisar. Entrou no carro, olhou a rua vazia, os postes da rua piscando-piscando o amarelo.

Desceu do carro, e de longe, eram sabe-se lá que horas da madrugada, viu a Santa Casa empinhocada de gente.

Lourdes atravessou a massa de curiosos. Um homem parado na porta disse que você não pode entrar, enxerido fica aqui fora, a não ser que seja emergência. Ela disse bem baixo que era parente do morto. O homem a ouviu, pediu os documentos, Lourdes arrancou um registro geral destruído, a foto ainda em preto e branco. O homem deu passagem, Lourdes entrou na recepção verde com um balcão e dois bancos de madeira. Cumprimentou tímida a enfermeira loira-espantalho que recepcionava. Lourdes disse que era parente do morto. A enfermeira perguntou

de qual morto? O morto, o Antônio. Antônio de quê? Antônio Oliveira. No canto da boca da enfermeira um risinho: Antônio Oliveira. A enfermeira disse que olha, infelizmente a senhora vai ter que ir até o hospital de São José. Levaram o corpo, autópsia só é feita lá. Depois que eles liberarem, a família pode arrumar o velório.

Lourdes agradeceu, a enfermeira balançou a cabeça loira-espantalho e disse que por nada.

Enfrentou outra vez a massa. O homem parado na porta lhe deu passagem e disse bem alto que já podem ir embora, acabou a festa. Não tem mais nada pra vocês verem aqui. Miraram aquela senhora que atravessava a todos como atravessasse o nada, olhando para ninguém, cabeça baixa – devia estar sentindo a morte do irmão, pois eles se lembraram ao mirar a senhora, ela é a irmã do morto, eles começaram a comentar: é a irmã da bicha.

Seguiu até onde o irmão estacionara o carro, longe, na esquina escura. Disse que eles precisavam ir para São José. Ele estava lá. Foi removido para fazerem a autópsia.

O irmão ligou o carro, chegariam em quinze minutos. As quatro rodas giravam, besouros gigantes batiam como fossem pedras no para-brisa. Por todo o trajeto não falaram qualquer palavra.

Chegaram. O irmão disse que eu fico no carro.

Dessa vez um atendente negro a recebeu. Lourdes perguntou se ele era enfermeiro. O negro disse que sim, sou. Que quer? Queria ver o irmão, o Antônio. Disseram que ele tinha vindo para o hospital de São José.

As mãos lisas de dedos grandes percorreram as linhas magras das páginas repletas de nomes. Antônio de quê? Oliveira? Lourdes respondeu que aquele era o nome. Vou

chamar outro enfermeiro pra acompanhar a senhora. Antes, assine aqui, no pontilhado. O negro pegou o telefone.

Uma minhoca cabeluda e branca apareceu desengonçada da porta de um corredor imenso. A minhoca disse que muito prazer, minha senhora. O enfermeiro negro disse que leva a senhora pra ver o assassinado. Acompanha o colega aí, faz favor.

A minhoca ia na frente corredor adentro, os sapatos brancos batendo no assoalho branco. As luzes brancas piscavam como fossem apagar. Fazia calor. Os insetos em volta das lâmpadas como quisessem comer a luz iam de encontro ao vidro branco das fluorescentes. Atravessaram um túnel branco e limpo, quase sem portas. Um batom vermelho veio andando calmamente do fundo do túnel na direção da minhoca branca. O batom mostrou os dentes brancos quando perguntou com suor no buço quem ela veio ver? A minhoca disse que o assassinado. Sim. O batom deu as costas e continuou andando.

No final do corredor, uma porta dupla e um banco para três pessoas encostado na parede. A minhoca disse que senta aqui, já vou chamar o responsável. A minhoca entrou numa porta em frente ao banco.

Da porta saiu um homem velho, careca suada, uma prancheta nas mãos. O homem disse que me acompanhe. Entraram na porta dupla ao lado direito do banco.

Na sala fria seguiu o homem até alcançarem a mesa de aço e o pano branco estendido. O homem levou o pano branco da cabeça até o púbis liso do morto. O homem disse que esse é o Antônio Oliveira? Reconhece seu irmão?

Lourdes podia dizer que sim, mas talvez estivesse enganada. Podia dizer que ela era aquele corpo deitado.

Ela era aquele corpo deitado. Reconheceu-se no rosto de Antônio, embora fosse bonito e jovem. Os cabelos tão compridos, era desejo de Lourdes ter cabelos longos, mas sempre tivera aqueles cabelos curtos, que não tinham força para crescer. Antônio tinha peitos bonitos, grandes, de bicos escuros como os dos peitos secos de Lourdes. Não tinha pelo qualquer naquele corpo sem cor. Abaixo os furos na barriga, furos tão grandes que era possível enfiar em um deles o punho fechado.

Ela era aquele homem deitado.

Lourdes disse que sim, ela era o seu irmão.

O homem careca subiu o pano. Entregou a prancheta, tirou uma caneta do bolso da camisa branca e disse que assinasse aqui. Lourdes assinou, o homem disse que é só isso, pode ir embora. Liberando, a funerária pode levar.

Saiu pela porta dupla. As luzes do corredor já não piscavam. Continuou seguindo até encontrar a entrada onde o enfermeiro negro recebia uma menina e uma velha quatro olhos inchados. Esperou atrás das duas. A minhoca branca surgiu da porta do corredor, disse que as duas podem me acompanhar, por favor. Lourdes perguntou ao enfermeiro negro se tinha que assinar mais alguma coisa. Ele disse que não, não precisa. Só espere.

Esperou. A minhoca branca veio com o atestado de morte e os documentos do Antônio.

No carro, Lourdes disse que era mesmo o Antônio. O irmão disse que isso eu já sabia, e o que a gente faz agora? Lourdes disse que eles deviam voltar e contratar o serviço da funerária. O irmão disse que e quem vai pagar? Lourdes disse que se os dois irmãos e ela se juntassem, comprariam um caixão barato, fariam um velório simples.

O irmão disse que eu pago, mas não vou no velório nem no enterro, a alma da mãe que me perdoe. Lourdes disse que ela o enterraria. Não disseram mais nada durante o retorno. Quando chegaram, o irmão providenciou o velório. Pediu o caixão mais barato, um qualquer arranjo e um par de velas. A funerária pegaria o corpo e o traria de manhãzinha para velá-lo. Pagou tudo e disse que depois vocês acertam comigo.

Quando finalmente conseguiu dormir, Lourdes sonhou que seus cabelos tinham crescido até a cintura e que seus peitos estavam fortes e duros como nunca antes.

De manhãzinha, no caminho para a padaria, passou pelo passeio oposto ao da funerária. Lá dentro duas pessoas velavam o corpo, três amigos de longa data lamentavam a morte na porta.

\* \* \*

A tarde se tornara um inferno insuportável.

Lourdes, devido ao calor, suava sobre os coelhos que tinham chegado da feira de rua. Embora com o atraso de uma hora, fazia o almoço pacientemente.

Deixou os coelhos no fogo e parou à porta da cozinha para ver onde Bento tinha se enfiado. Sentiu um cheiro podre de carne estragada quando um vento bateu em seu rosto. Gritou por Bento, perguntou que merda ele estava fazendo no terreiro.

O filho, que tinha trazido os coelhos da feira, não fazia merda nenhuma. O cheiro podre, Lourdes se lembrou, vinha das penas e das vísceras que ela esqueceu sobre o toco de madeira em que depenara e limpou as galinhas.

Lourdes chamou o filho à porta da cozinha. Bento já estava longe, despendendo a tarde com Leandro numa árvore de fruta qualquer. Lourdes, ela mesma, teria que limpar as suas porcarias das galinhas.

Com olhos pálpebras apertadas e cansadas, Lourdes e a sacola plástica flutuavam embaixo do sol.

Um moscardo tinha tomado conta do toco de madeira. Quanto mais Lourdes se aproximava, mais o vento lhe dava na cara o cheiro podre dos restos das galinhas. Teve que espantar as moscas com um pedaço de pau para poder se aproximar. As moscas, tontas, voaram pretas, verdes, azuis para todos os lados. Lourdes tossiu enojada e se arrependeu de não ter limpado as porcarias. Trancando o ar, chegou perto das partes fedidas e enfiou a mão direita na sacola. As moscas zuniam no ouvido, debatiam-se tontas no ar, davam de encontro com a sua cara, com os seus braços. Ela ensacou as penas e as tripas e arremessou a podridão no lixo.

Voltou para a cozinha. Pensou que se o calor continuasse, mais tarde choveria. Em frente à panela com os coelhos, lembrou que às quatro horas enterraria o Antônio.